



Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura e Arte
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

RESENHA

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 457 p.

Resenhado por Paulo Martonio da Silveira Carvalho¹

INTRODUÇÃO

O livro *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* conta a história de um dos maiores nomes do teatro brasileiro. Figura controversa, Nelson foi constantemente posto na linha tênue das mais diversas dicotomias. Gênio ou louco? Tarado ou santo? Reacionário ou revolucionário? Um pouco de tudo, quem sabe. É fato, no entanto, que os extremos – de um lado ou de outro – não são suficientes para entendermos o jornalista e escritor brasileiro mais polêmico de seu tempo.

Escrita por Ruy Castro e lançada em 1992 pela editora Companhia das Letras, a obra dividida em 32 capítulos conta com detalhes os diversos momentos da vida de Nelson. Do nascimento em Recife, a infância no subúrbio carioca, os anos de fartura, seguidos pelas tragédias que o marcaram profundamente, passando pela criação de seu *Magnum Opus – Vestido de Noiva* –, aos casamentos e seus filhos – Joffre, Nelson, Daniela, Maria Lúcia, Sônia e Paulo César – chegando aos anos da ditadura e finalmente a manhã de 21 de Dezembro de 1980, dia de sua morte. A trajetória de Nelson Rodrigues foi destrinchada por um minucioso estudo feito pelo autor da obra aqui resenhada.

¹ Aluno do 2º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. E-mail: paulomartonio@gmail.com

Para escrever *O Anjo Pornográfico*, Castro realizou cerca de 700 entrevistas com 125 pessoas próximas da família Rodrigues. Parte da pesquisa se estendeu ao pai, Mário Rodrigues, e aos irmãos, Mário Filho e Roberto Rodrigues:

Durante os últimos dois anos, li ou reli todos os seus livros (inclusive os raros, esgotados, aqueles que pareciam não existir mais). Perdi a conta dos artigos de Nelson que desencavei, desde os primeiros que começou a publicar aos treze anos. Tive acesso a cartas particulares, algumas bastante íntimas, manuscritos, originais e fotos raras. Mas, como é impossível compreender Nelson Rodrigues sem contar a história de seu pai, Mário Rodrigues, e de pelo menos dois de seus irmãos, Roberto Rodrigues e Mário Filho, a investigação sobre estes acabou se tornando um trabalho à parte tão fascinante quanto. Os três merecem alentadas biografias (CASTRO, 1992, p. 421).

Castro percorreu toda a vida dos Rodrigues para produzir esta obra. No entanto, foi uma definição feita pelo próprio Nelson, que inclusive dá nome a sua biografia e foi exposta na citação que dá início a esta produção, que melhor o descreve. “Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico”.

SOBRE O AUTOR

Ruy Castro nasceu em 27 de Fevereiro de 1948 na cidade de Caratinga, Minas Gerais. É jornalista, escritor e tradutor. Iniciou sua carreira como jornalista em 1967, atuando como repórter, no extinto *Correio da Manhã*. Ao longo dos mais de cinquenta anos seguintes, Castro passou pela redação dos principais jornais brasileiros, entre eles: *Pasquim*, *Manchete*, *Jornal do Brasil*, *Playboy*, *Isto É* e *O Estado de S. Paulo*. Atualmente, é colunista do jornal *Folha de S. Paulo*.

A sua trajetória como escritor começou em 1990, com o lançamento do livro *Chega de saudade: A história e as histórias da Bossa Nova*, obra que conta a história do movimento da música popular brasileira surgido no início da década de 1950 e que contou com 70 mil exemplares vendidos. No entanto, foi com as biografias que Ruy alcançou seus maiores sucessos como escritor. Foram três: *O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (1992); *Estrela Solitária: Um brasileiro chamado Garrincha* (1995) e *Carmen: Uma biografia* (2005).

Como intérprete, Castro foi responsável pela tradução de versões brasileiras das obras *Frankenstein* (1994), da britânica Mary Shelley e *Alice no país das maravilhas* (1992), de Lewis Carroll.

SOBRE A OBRA

Castro inicia a biografia contextualizando o leitor sobre o Brasil do início do século XX. Nas primeiras décadas deste século, o jornalismo era sinônimo de *status* social, onde predominava a visão de uma profissão romantizada, que apesar dos salários precarizados, participava de uma elite intelectual. Mário Rodrigues, no entanto, queria ir além.

Envolvido com a política pernambucana, chegou a ser deputado e fundou o *Jornal da República*, que teve boa circulação na esteira do sucesso de Dantas Barreto, chefe do grupo político que Mário fazia parte e ajudou a eleger. Em 1915, após um escândalo que levou ao declínio do dantismo, os Rodrigues mudaram-se para o Rio de Janeiro.

Acolhido por Edmundo Bittencourt no *Correio da Manhã*, Mário alugou uma casa na Aldeia Campista, bairro do subúrbio carioca. Foi nesse período, sugere o autor, que Nelson acompanhou de perto os acontecimentos que alimentariam sua obsessão de toda a vida: o sexo e a morte de mãos dadas. A gripe espanhola assolou o Rio de Janeiro em 1918.

Num prazo de 15 dias, a espanhola matou 15 mil pessoas no Rio. Sem estrutura para lidar com tantos óbitos, caminhões da prefeitura passavam recolhendo os corpos pelas ruas e os enterravam em vala comum. Poucas famílias cariocas não perderam ninguém. Entre elas, a dos Rodrigues. Augustinho, irmão de Nelson, então com seis meses, teve a gripe e surpreendentemente resistiu.

No ano seguinte, a gripe não aterrorizava mais os cariocas. Conhecida a morte, era hora de Nelson conhecer o sexo. O maior carnaval do século, conhecido como carnaval da ressurreição, foi como uma resposta da cidade ao massacre do ano anterior:

“Em 1919, o Rio deixava de ser o de João do Rio e passava a ser o de Benjamin Costallat”, ele (Nelson) escreveria várias vezes. Queria dizer que o alívio pelo fim da “Espanhola” ejaculou uma onda erótica e delirante na cidade como se as pessoas quisessem se atirar à vida antes que o mundo acabasse de novo. Num Rio muito mais literário que o de hoje, esse delírio era de fato representado, não mais pelo

suave João do Rio, mas pelos contos e crônicas de Benjamin Costallat e, embora Nelson não a mencionasse, pelos poemas de Gilka Machado. Costallat, hoje maciçamente esquecido, fizera furor aquele ano com os contos de seu livro “A luz vermelha”, em que, desde o título, fornecia descrições febris dos “vícios e loucuras” das madrugadas na Lapa e no Mangue, provocando “frissons” nas garotas e pânico nas famílias. Pela maneira com que escrevia, devia soar na época como um degenerado. Seu romance “Mlle. Cinéma” seria lido com palpitações uterinas pelas moças (CASTRO, 1992, p. 27).

Era o ambiente propício para fomentar os desejos eróticos daquele menino que agora se aproximava dos dez anos. Foi nesse mesmo ano que Nelson começou a ler a Tico-tico – a primeira revista infantil brasileira, fundada em 1905 –, rapidamente superada por leituras mais condizentes com o caráter de Nelson. De acordo com Castro, “variavam os autores, mas no fundo era tudo uma coisa só: a morte punindo o sexo ou o sexo punindo a morte – ou as duas coisas de uma vez” (CASTRO, 1992, p. 29).

Mário Rodrigues criou o jornal *A Manhã* em 1925. Foi no periódico do pai que Nelson deu seus primeiros passos no ramo jornalístico. Aos 13 anos, era o repórter policial do jornal. Posteriormente ganhou uma coluna onde costumava escrever sobre pactos de suicídios firmados por namorados, muito comum na época, o que mais uma vez denuncia o interesse de Nelson por assuntos fúnebres.

Em 1928, 49 dias depois de perder *A Manhã* por dívidas com o seu sócio, Antônio Faustino Porto, Mário Rodrigues lançou o seu jornal de maior sucesso: *Crítica*. O jornal chegou a ser o maior matutino do Brasil, com mais de 130 mil exemplares vendidos.

Foi no momento de maior sucesso que a vida da família Rodrigues mudaria radicalmente. Roberto foi assassinado em Dezembro de 1929 por Sylvia Seraphin após a publicação de uma matéria ilustrada por Roberto que insinuava que a separação de Sylvia foi motivada por uma traição. Mário Rodrigues não conseguiu assimilar a morte do filho, ficou deprimido e morreu três meses depois, vítima de um derrame.

Durante a revolução de 1930, a *Crítica* foi empastelada e os Rodrigues perderam o jornal. Em dificuldades financeiras, os Rodrigues ficam vulneráveis e Nelson passa a sofrer com a tuberculose, doença que o acompanharia por pelo menos 15 anos de sua vida e seria responsável por, pelo menos, três internações de Nelson no sanatório para tuberculosos em Campos do Jordão. Seu irmão, Joffre, não teve a mesma sorte e morreu

em 1936 vítima da mesma doença. A morte voltava a se fazer presente no imaginário de Nelson.

Passados os anos mais turbulentos, Nelson começa a se destacar na dramaturgia. Em 1941 lançou *A mulher sem pecado*, peça que foi elogiada por Carlos Drummond de Andrade. De acordo com Kluck

Os textos que se seguiram chocavam pelo excesso de erotismo e tragédia, dividiam o público, conquistavam fãs, alertavam a censura e criavam inimigos. Para Nelson, a violência de suas peças funcionavam como uma espécie de catarse e purificavam o público (KLUCK, 2010, p. 42).

Com a boa recepção de *A mulher sem pecado*, Nelson teve caminho aberto para lançar sua *Magnum Opus*. *Vestido de Noiva* entrou em cartaz em 1943 com ações simultâneas em três planos – da realidade, da alucinação e da memória – e deu início ao processo de modernização do teatro brasileiro. Consagrado no cenário nacional, lançaria ainda *O beijo no asfalto*, em 1961, com atuação de Fernanda Montenegro.

No meio jornalístico, Nelson passou pela maior parte dos principais periódicos brasileiros. Depois de *Crítica*, passou pelas redações de *Última hora*, *Manchete*, *Jornal dos Sports* e *O Globo*. Adotou um pseudônimo feminino no folhetim *Meu destino é pecar*, assinando como Suzana Flag.

Castro encerra a biografia de Nelson relatando o declínio da saúde do dramaturgo ao longo da década de 1970. Apesar das complicações respiratórias que vinham se acumulando, herança da tuberculose que se fez presente por tempo considerável em sua vida, Nelson Rodrigues se manteve ativo até 1979, quando lançou *A Serpente*, sua última grande obra de sucesso. Pouco mais de um ano depois, depois de idas e vindas dos hospitais, Nelson Rodrigues morreu aos 68 anos, vítima de uma trombose seguida de insuficiência cardíaca e respiratória.

Em *O anjo pornográfico*, Ruy Castro desenvolve um trabalho singular, fruto de extensa pesquisa e notória habilidade com as palavras e desenvoltura com a escrita, permitindo uma leitura fluida e acessível. Outro ponto que merece destaque, é a capacidade do autor de lidar com a questão temporal, promovendo o uso dessa ferramenta sempre que necessária, sendo claro e preciso.

Outra característica que torna o trabalho de Castro atraente, é o cuidado do autor de definir o contexto histórico-cultural a qual a família Rodrigues estava inserida. Tal

medida nos permite ter contato com uma série de personagens secundários que contribuem de forma valorosa para o entendimento do Brasil daquele período.

A biografia de Nelson Rodrigues é, portanto, recomendada não só para os estudantes de jornalismo e arte cênicas, atingidos diretamente por essa produção, como para todo leitor que tenha interesse pelo arco temporal que a obra se desenvolve – considerando a ótima contextualização histórica feita por Ruy Castro – e principalmente para conhecer a trajetória de uma das mentes mais influentes que o século XX proporcionou em terras tupiniquins.